

A AGRICULTURA NO CRESCIMENTO ECONÔMICO REGIONAL *

Douglass C. North

I

Apesar da existência de uns poucos dissidentes, parece que a maioria dos economistas concorda que a agricultura contribui pouco para o crescimento econômico. Esse argumento se desenvolveu em duas correntes: a primeira identifica o crescimento econômico com uma revolução industrial e argumenta que uma "arrancada" para a industrialização "pode deixar de ocorrer principalmente porque a vantagem comparativa da exploração da terra agrícola e de outros recursos naturais retarda o início de um vantajoso crescimento industrial auto-reforçado".¹ Esse argumento baseia-se no ponto de vista clássico dos rendimentos decrescentes da agricultura, na maior produtividade da indústria e nas dificuldades associadas com a transferência de recursos para as atividades secundárias, quando se obtém rendimentos decrescentes.²

* Traduzido por Maria do Carmo Salazar Martins e revisado por Jacques Schwartzman de NORTH, Douglass C. Agriculture in regional economic growth, *Journal of Farm Economics*, 41(5):943-51, dez. 1959, com permissão do autor e de American Journal of Agricultural Economics.

1. ROSTOW, W.W. The take-off into self-sustained economic growth, *The Economic Journal*, 66:28, Mar. 1956.
2. A teoria da sequência de estágios do crescimento regional aceita implicitamente.

O segundo argumento é bastante diferente e, com efeito, se baseia em diferentes fundamentos teóricos.³ Foi mais convincentemente defendido pelo professor Theodore Schultz, com as seguintes hipóteses: (1) O desenvolvimento econômico ocorre em uma matriz de localização específica; podem existir uma ou mais matrizes em uma economia particular. Isso significa que o processo de crescimento econômico não ocorre do mesmo modo, na mesma época, ou com a mesma intensidade, em lugares diferentes. (2) Essas matrizes locais são, primeiramente, de composição urbano-industrial; como os centros em que ocorre o desenvolvimento econômico não se situam geralmente em áreas rurais ou agrícolas, embora algumas áreas agrícolas estejam mais bem situadas que outras em relação a tais centros. (3) A organização econômica existente opera melhor dentro ou perto do centro de uma determinada matriz de desenvolvimento econômico ou também, naquelas partes agrícolas favoravelmente situadas em relação a tal centro; e opera menos satisfatoriamente naquelas partes da agricultura que estão situadas na periferia de tal matriz.⁴ O que essa hipótese propõe, na realidade, é que a mola mestra do crescimento econômico seja o desenvolvimento industrial e a agricultura uma variável dependente no processo global de desenvolvimento urbano-industrial. Ambas as hipóteses têm aspectos atraentes e, na verdade, há abundante evidência para certos exemplos que lhes dão peso.⁵ Contudo, isso não é suficiente para permitir generalizações, seja como interpretação histórica, seja como guia para formulação de políticas sobre problemas econômicos atuais. No presente artigo, tentarei demonstrar que uma produção bem sucedida de bens agrícolas (ou mesmo, de muitos produtos extrativos) destinados à venda fora da região pode ser, e sob certas condições tem sido, o principal fator de indução do crescimento econômico, do desenvolvimento de economias externas, da urbanização e, eventualmente, do desenvolvimento industrial.

O argumento pode ser defendido, a grosso modo, da seguinte

te esse argumento. Veja-se:

HOOVER, E.M. & FISHER, J. Research in regional economic growth. In: _____ Problems in the study of economic growth. New York. National Bureau of Economic Research, 1949.

3. O conceito de rendimentos decrescentes é visivelmente descuidado. São as imperfeições do mercado de fatores, mais do que uma oferta relativamente fixa de um fator, que são estratégicas para o argumento.
4. SCHULTZ, Theodore. The economic organization of agriculture. New York, McGraw-Hill, 1953. p. 147.
5. Veja-se em Rostow, op. cit., evidências que lhe são favoráveis. Em relação aos Estados Unidos, veja-se minha nota crítica; "a note on Professor Rostow 'Take-off' into self-sustained economic growth". The Manchester School, Jan. 1958. Em relação à tese de Schultz, veja-se: TANG, Anthony. Economic development in the Southern Piedmont, 1860-1950. Chapel-Hill, University of North Carolina Press, 1958.

maneira: 1) A especialização e a divisão do trabalho constituem os fatores mais importantes da expansão inicial das regiões. 2) A produção de bens para a venda fora da região induzem essa especialização e 3) O engajamento na economia internacional em expansão (ou na nacional, no caso de algumas regiões dos Estados Unidos) nos últimos dois séculos tem sido o caminho, através do qual várias regiões e nações têm alcançado o desenvolvimento econômico. Naturalmente, este é o argumento clássico de Adam Smith, recentemente reformulado de forma sucinta no título de um artigo de George Stigler, "The Division of Labor is Limited by the Extent of the Market"⁶. Embora não discorde de Schultz quanto ao fato de que bens manufaturados (e principalmente os fabricados, ao contrário dos simplesmente processados) conheceram a mais rápida expansão da demanda na recente história econômica dos U.S.A., em contraste com a inelasticidade-renda da demanda para bens agrícolas, a crescente demanda de bens agrícolas no século XIX e as perspectivas para muitos produtos primários na agricultura mundial no presente século, torna atípico o caso dos Estados Unidos (e algumas outras nações industriais) nos anos recentes. Se observarmos os casos da Dinamarca entre 1865-1900,⁷ do Noroeste do Pacífico entre 1880-1920,⁸ da economia canadense entre 1900-1913,⁹ ou qualquer outro de uma infinidade de ilustrações possíveis, veremos que foi a expansão de um ou mais produtos agrícolas que forneceu o impulso inicial para a expansão geral. Uma vez que já discutimos o papel do setor exportador na promoção do crescimento econômico regional num artigo publicado no *Journal of Political Economy*, é desnecessária, aqui, uma discussão exaustiva.¹⁰

Entretanto, meu argumento original estava incompleto. A expansão de um setor de exportação é uma condição necessária, mas não suficiente, para o crescimento regional. Gostaria de aproveitar a presente oportunidade para aperfeiçoar o argumento, antes de me voltar para a refutação específica das duas hipóteses acima assinaladas.

6. *Journal of Political Economy*. 59:185-93, June, 1951.

7. YOUNGSON, A. J. *The possibilities of economic progress*. Cambridge, The University Press, 1959. p. 191-230.

8. Veja-se uma descrição breve em meu artigo: LOCATION theory and regional economic growth, *Journal of Political Economy*, 63, June, 1955.

9. MEIER, G.M. Economic development and the transfer mechanism. *Canadian Journal of Economics and Political Science*, 19, Feb. 1953.

10. Além do artigo original, "Location Theory and Regional Economic Growth", op. cit., veja-se a discussão com Charles Tiebout na mesma revista, 64(2):160-9, Apr. 1955.

O primeiro passo para a análise do crescimento econômico regional consiste de uma exploração dos determinantes do setor exportador da região. Entretanto, é necessário um outro passo, qual seja o exame da disposição da renda recebida de fora da região. Certamente, um dos problemas que mais causam perplexidade para o estudo do crescimento econômico tem sido o progresso diferencial entre regiões diferentes, que resulta de um incremento da renda proveniente do setor exportador.

Por que uma área permanece presa a um único produto básico de exportação, enquanto outra diversifica sua produção e se torna uma região industrializada e urbanizada? As regiões que permanecem ligadas a um único produto de exportação não alcançam, quase inevitavelmente, uma expansão sustentada. Não apenas ocorrerá um amortecimento da taxa de crescimento do setor, o que acarretará efeitos adversos para a região, como também o próprio fato de que ela continue presa a uma única indústria de exportação significará que a especialização e a diversificação do trabalho são limitadas fora dessa indústria. Historicamente, isso significa que uma parcela da população tem permanecido fora da economia de mercado. A resposta para esse problema repousa a) na dotação de recursos naturais da região (a um dado nível de tecnologia), b) no caráter da indústria de exportação, e c) nas mudanças tecnológicas e nos custos da transferências. É interessante examinar cada um desses fatores separadamente.

A dotação natural da região determina os bens iniciais de exportação da área. Se a dotação for tal que resulte em uma tremenda vantagem comparativa de um bem sobre qualquer outro, então a consequência imediata será uma concentração dos recursos na produção desse bem. Se por outro lado, a região tem amplas possibilidades de produção, de tal forma que a taxa de retorno sobre a produção de vários bens e serviços não seja muito menor que a do bem inicialmente exportado, então com o crescimento da região e concomitante mudança nas proporções fatoriais, a produção de outros bens e serviços provavelmente se tornará um processo simples.

As características do produto de exportação ao influenciar o crescimento regional são mais complicadas, uma vez que se constituem de vários aspectos. Várias consequências decorrem da natureza tecnológica da função de produção. Se o produto de exportação for um bem da lavoura do tipo "extensivo", que é relativamente intensivo de trabalho e que goza de rendimentos crescentes de escala significativos, então, o desenvolvimento apresentará um contraste marcante com o de outra região, na qual o produto de exportação pode ser produzido mais eficientemente em fazendas familiares, as quais requerem quantidades absolu-

tas de trabalho relativamente menores.¹¹ No primeiro caso haveria a tendência de se originar uma distribuição da renda extremamente desigual, com o grosso da população dedicando a maior parte de sua renda à alimentação e a necessidades simples (muitas das quais podem ser atendidas pela própria unidade familiar). No outro lado extremo da escala de renda, os proprietários das lavouras de tipo extensivo se inclinariam a despender a maior parte de sua renda com bens de consumo de luxo, que seriam importados. Em resumo, existiria pouco encorajamento para atividades econômicas do tipo doméstico. Com uma distribuição de renda mais equitativa, existe demanda para uma grande variedade de bens e serviços, parte dos quais seria produzida internamente, induzindo assim uma diversificação dos investimentos. Haveria uma tendência ao desenvolvimento de centros comerciais para o fornecimento da grande variedade de tais bens e serviços, em contraste com a economia do tipo "extensivo", que simplesmente desenvolveria poucas áreas urbanas dedicadas à exportação dos produtos básicos da região e à distribuição das importações.

Uma consequência natural dos padrões divergentes descritos no parágrafo anterior seria a atitude em relação ao investimento na educação.¹² Na sociedade gerada pela lavoura do tipo "extensivo", com sua distribuição de renda muito desigual, o proprietário de terras seria extremamente relutante em dedicar as receitas fiscais a investimentos em educação ou pesquisa que não as diretamente relacionadas com o produto básico da região. Consequentemente o conhecimento e as qualificações não especificamente vinculados ao produto de exportação serão bastante escassos. Em contraste, a região com uma distribuição de renda mais equitativa, seria bem consciente de que vale a pena melhorar sua posição comparativa através da educação e da pesquisa e, conseqüentemente, estaria mais disposta a orientar os gastos públicos nessa direção. O resultado seria uma melhora relativa na sua posição comparativa em vários tipos de atividade econômica e, conseqüentemente, a ampliação da base econômica resultante.

Igualmente importante é o investimento induzido pelo bem ou serviço exportado. Se o produto é tal que exige investimento substancial em transporte, armazéns, instalações portuárias e outros tipos de investimento social básico, criam-se, em conseqüência, as economias externas que facilitam o desenvolvimento de outras explorações. Mais ain-

11. Esse argumento foi explorado detalhadamente por:

BALDWIN, R.E. Patterns of development in newly settled regions, *The Manchester School of Economic and Social Studies*, 24(2):161-79, May, 1956.

12. Estou agradecido ao Professor Schultz por ter, na última primavera, ao longo de uma série de estimulantes debates, chamado minha atenção para esse problema.

da, se a indústria de exportação induz o crescimento de indústrias subsidiárias, se a tecnologia, os custos de transporte e a dotação de recursos naturais permitem que elas sejam produzidas internamente ao invés de serem importadas, então isto induzirá um desenvolvimento ainda maior. Tanto no caso do investimento em indústrias subsidiárias, a consequência será a promoção da urbanização, a crescente especialização e o desenvolvimento de outras atividades locais relacionadas à crescente demanda local de bens e serviços de consumo. No outro extremo está a indústria de exportação, que requer somente o desenvolvimento imediato de uns poucos centros para a coleta e exportação dos bens e acarreta o desenvolvimento de uma pequena indústria subsidiária ou, quando muito, promove o desenvolvimento de tais indústrias subsidiárias e facilidades de mercado, mas elas são de natureza tal que geralmente seus produtos podem ser mais eficientemente importados, do que produzidos internamente.¹³

Isso é exemplo no RS

Mudanças na tecnologia e nos transportes podem alterar completamente a vantagem comparativa da região, seja de maneira favorável, ou desfavorável.¹⁴ A mudança tecnológica pode aumentar a taxa de retorno potencial da produção de outros bens e serviços e conduzir à exploração de novos recursos e à transferência de fatores para outras atividades, abandonando a velha indústria de exportação. O desenvolvimento inicial das facilidades de transporte destinadas à implementação da indústria de exportação tende a reforçar a dependência em relação a ela e a inibir, de várias maneiras, as atividades econômicas mais diversificadas. O desenvolvimento prematuro do transporte conduz, comumente (em condições competitivas), a uma rápida queda nas tarifas de transporte e, conseqüentemente, aumenta a vantagem comparativa do produto de exportação.¹⁵ Mais ainda, com regiões de colonização recente, o transporte é comumente feito num único sentido. O transporte marítimo de produtos volumosos para fora da região não tem uma contrapartida de carga para dentro da região, e os navios têm que retornar completamente vazios ou com lastro. Em consequência, os fretes de retorno são muito baixos e reforçam a posição competitiva das importações em relação aos bens produzidos internamente. Como resultado, uma boa parte da indústria local, que vinha sendo protegida pelos altos custos de transporte ou que poderia se desenvolver se a situação fosse mantida,

13. Entretanto, o desenvolvimento de indústrias subsidiárias depende, pelo menos em parte, do primeiro ponto discutido acima, a dotação natural da região.

14. Uma discussão mais detalhada desse ponto é feita no meu artigo "Location Theory and Regional Economic Growth", op. cit., p. 254-6.

15. Para uma discussão desse ponto, veja-se:

NORTH, Douglass. Ocean freight rates and economic development, 1750-1913. *The Journal of Economic History*, Dec. 1958.

tem que enfrentar uma efetiva competição das importações.¹⁶ Em resumo, a utilização dada à renda recebida da indústria de exportação tem um papel decisivo no crescimento da região. Relacionada a esse argumento está a propensão da região para importar. A medida que a renda da região flui diretamente para a compra de bens e serviços fora dela, ao invés de causar um efeito multiplicador-acelerador regional,¹⁷ estará induzindo o crescimento em algum outro lugar, colhendo, porém, alguns poucos benefícios gerados pelo aumento da renda do setor exportador.

Vamos ilustrar, brevemente, o argumento das páginas precedentes contrastando a estrutura econômica do Sul e do Oeste dos Estados Unidos nos anos anteriores à Guerra Civil.¹⁸

Ex: Ambas as regiões experimentaram um comércio exportador próspero, nos anos situados entre o fim da segunda guerra com a Inglaterra e a Guerra Civil. O comércio do algodão do Sul foi responsável por mais da metade do total das exportações americanas durante o período, sendo o arroz, o açúcar e o fumo exportações subsidiárias. O valor das exportações de algodão aumentou de US\$17,5 milhões em 1815 para US\$191,8 milhões em 1860. O Oeste experimentou, um ativo comércio de trigo, milho e outros gêneros (toucinho, gordura de porco, farinha e whisky), primeiramente com o Sul e depois, de modo crescente, a partir da metade da década de 1840, com o Nordeste e a Europa. Entretanto, neste ponto findam as semelhanças. Assinalemos os contrastes:

1 - O Sul se caracterizava pela concentração da produção orientada para o mercado em um único produto primário de exportação, com uma vantagem comparativa tão grande, que mesmo nos períodos de baixo preço do algodão, os recursos não podiam receber um retorno igual em tipos alternativos de atividade econômica. O Oeste não tinha nenhuma vantagem comparativa dominante em um único bem, mas pelo contrário, se ramificava na mineração (chumbo no Missouri, cobre em Michigan e ferro em Pittsburgh) e em várias formas de processamento.

2 - A organização de larga escala caracterizava a lavoura sulista resultando um padrão de distribuição da renda extremamente desigual, reforçado, é claro, pela instituição da escravatura. O trigo e o milho do Oeste, podiam ser mais eficientemente produzidos em pequenas propri-

16. As primeiras e ardorosas esperanças de Gallatin e Tench Coxe, que repousaram no desenvolvimento manufatureiro florescente que eclodiu durante o Embargo, como relata o censo de 1810, eram, em grande parte, relativas ao mercado local e completamente incapazes de competir com as importações que se seguiram ao fim da 2ª Guerra com a Inglaterra.

17. DUESENBERY, J. S. Some aspects of the theory of economic development. *Explorations in Entrepreneurial History*, 3(2) Dec. 1950.

18. Este breve relato é um resumo de dois capítulos de um estudo do crescimento econômico dos U.S.A. de 1790-1860 que estou completando. A evidência estatística e qualitativa não poderá ser apresentada nesse pequeno artigo.

Podde
deixar
de
lado o
exemplo.

idades de tipo familiar dada a tecnologia do princípio do século XIX. Em consequência, a estrutura da demanda de consumo era marcadamente diferente. O Sul era quase totalmente desprovido de desenvolvimento urbano nesse período (com exceção de New Orleans que serviu como um entreposto de gêneros alimentícios do Oeste para o lavrador sulista, e como porto para as exportações de algodão), e seus Estados situavam-se, nitidamente, no ponto mais baixo da escala de lojas de varejo por mil habitantes, segundo o censo de 1840. Uma grande percentagem da população do Sul permanecia fora da economia de mercado. No Oeste, ao contrário, existiam vários pequenos centros comunitários, destinados a servir à população local e servirem como núcleos locais de indústrias, de comércio e de serviços. Apesar desses centros haverem surgido, a princípio, para atender às necessidades de consumo local, com a expansão gradual do mercado e o desenvolvimento de economias externas, muitos vieram a cobrir amplos e crescentes territórios e se tornaram indústrias de exportação. A cada surto de expansão do Oeste (1816-18, 1832-39, 1849-57), uma percentagem crescente de fazendeiros abandonava a auto-suficiência e se integrava na economia de mercado.

Uma outra consequência dessas estruturas contrastantes foi o investimento diferencial em educação. O Sul tinha a taxa mais alta de analfabetismo (como percentagem de população branca), a taxa mais baixa de alunos por habitantes (brancos) e o menor número de bibliotecas. Mesmo os Estados do Oeste, que estavam emergindo do estágio pioneiro, investiam mais na educação que os Estados do Sul.¹⁹

3 — Necessitava-se de pequenos investimentos adicionais para uma exportação eficiente do algodão sulista. Não eram necessários nem o desenvolvimento dos transportes, nem indústrias subsidiárias extensivas. O "Factor"* vinculado ao crédito e à navegação nortista, servia tanto como exportador do algodão, como importador de gêneros alimentícios (do Oeste) e manufaturas (do Nordeste e da Europa). No Sul, o investimento de grande escala se dirigia apenas à abertura de novas terras para o algodão e à compra de escravos. Investimento extensivo em transportes (como em outras instituições para implementar a exportação de bens) era essencial para conquista do Oeste. Além disso, havia consideráveis vantagens locais em promover, dentro da região, o processamento do trigo e do milho, ou seja a fabricação de farinha de trigo, farinha de milho, presunto, toucinho, carne de porco salgada, gordura e whisky. Em consequência, se desenvolveram várias dessas manufaturas e

19. HELPER, H. R. *The impending crisis of the South*. New York, A. P. Burdick, 1860. p. 144, 288-9. Cifras interessantes relativas a investimentos em conhecimentos.

* N.T. — Nessa acepção, de uso local nos Estados Unidos, a palavra "Factor" designa o agente comercial da Hudson Bay Company, encarregado de seus postos de comércio.

elas promoveram o desenvolvimento urbano do Oeste.

4 — As características singulares do comércio, marítimo, que redundaram em carregamentos de um só sentido a partir dos pontos de algodão, abriram caminho para que, de volta, os navios viessem carregados de bens manufaturados, importados pela região algodoeira a tarifas muito baixas. Como resultado, não existia proteção para as indústrias locais de bens de consumos contra as importações baratas do Nordeste e da Europa. Ao contrário, as manufaturas tinham que ser transportadas para o Oeste por via terrestre ou subindo o Mississipi, o que fez com que as suas indústrias de bens locais ficassem protegidas.

Esse argumento, puramente histórico, tem pouca relevância para o cenário contemporâneo? Penso que não. Tanto a instituição especial da escravatura como as características especiais do sistema de propriedade são passíveis de serem examinadas em termos de uma análise econômica e outra coisa não fazemos senão solicitarmos respostas analíticas ao excluirmos a instituição "per se" como uma explicação²⁰. As características descritas acima explicam o sucesso diferencial das economias regionais no mundo contemporâneo. Uma reelaboração positiva da tese enunciada acima é a de que o desenvolvimento de uma indústria de exportação agrícola, bem sucedida, resultará em um aumento da renda da região e, sob as condições favoráveis sublinhadas acima, conduzirá a:

1 — Especialização e divisão do trabalho com a ampliação do mercado regional.

2 — O crescimento dos serviços auxiliares e indústrias subsidiárias para produzir e comercializar eficientemente o produto de exportação.

3 — O desenvolvimento de indústrias locais para servir ao consumo local, algumas das quais podem, conduzir à ampliação da base de exportação em consequência da expansão dos mercados e do desenvolvimento de economias externas associadas com a indústria de exportação.

4 — Como uma consequência natural das condições acima, o crescimento das áreas e serviços urbanos.

5 — Um investimento crescente na educação e na pesquisa para ampliar o potencial da região.

Nessas circunstâncias, uma boa parte do desenvolvimento industrial ocorrerá, naturalmente, como uma consequência, das condições descritas acima. Na verdade, à medida que o mercado aumenta em tamanho, mais e mais firmas manufatureiras julgarão viável estabelecer filiais ali.

Onde se observarem as condições desfavoráveis acima descritas, haverá lugar para uma política governamental efetiva destinada a modificá-las. A alteração do sistema de propriedade de terra (que, entretanto, não deve ser feita às expensas da produtividade) e a reorientação da

20. CONRAD, A. H. & MEYER, J. A. The economics of slavery in the Ante-Bellum South. *The Journal of Political Economy*, 66(2) Apr.1958.

despesa pública para pesquisa, tecnologia e educação, prenunciam a incidência de retornos muito generosos.²¹

III

NORTH
X
Rostow
?

Destaquemos as diferenças entre o argumento desenvolvido nesse artigo e as duas hipóteses dos professores Rostow e Schultz. Minha polêmica com Rostow é, assim considero, a mais fundamental. A tese de Rostow é, com efeito, a mesma apresentada nos encontros anuais dessa Associação em 1951 pelo professor J.K. Galbraith num artigo intitulado: "Conditions for Economic Change in Underdeveloped Countries".

22 O crescimento está associado à industrialização e a estagnação à agricultura. Parece-me que isso confunde todo o problema de mudança econômica e reflete uma leitura mal feita da história econômica dos últimos dois séculos.²³ O envolvimento nas grandes economias de mercado, apesar das vicissitudes decorrentes, tem sido o caminho clássico pelo qual as economias regionais se expandiram. Isso resultou na especialização, economias externas, desenvolvimento das indústrias locais, e o aumento da "desintegração" vertical, como resultado da expansão do mercado, ao qual o professor Stigler corretamente atribuiu uma boa parte do aumento da produtividade da manufatura.²⁴

Argumento de North

Evidenciamos, na seção anterior, os fatores que impedem a expansão regional bem sucedida, mas é preciso que também fique claro que eles não são sinônimos da agricultura "per se".

NORTH
X
Schultz
?

Minha controvérsia com o professor Schultz não se refere à aplicação de sua "hipótese de retardação" ao cenário americano contemporâneo, mas sim à sua afirmação de que a história econômica apóia vigorosamente o seu argumento de que o desenvolvimento econômico tenha ocorrido, primeiramente, em matrizes urbano-industriais.²⁵ Não me parece que a história econômica do século XIX do Meio-Oeste de 1815-1860, do Nordeste do Pacífico de 1880-1920, ou mesmo da Califórnia de 1848-1900 (onde o primeiro impulso foi a mineração e depois a agricultura), dê suporte à sua argumentação. Não há, certamente, espaço neste artigo para explorar os deslocamentos relativos da oferta e da demanda, e as elasticidades-renda, que são responsáveis pelas divergências de opinião e, na verdade, a esta altura, isso não é necessário, pois os fa-

Contratários de North
ao argumento de Schultz

21. HARBERGER, Arnold C. Using the resources at hand more effectively, *Proceedings of the American Economic Association*, May, 1959, p. 134-46.

22. Publicado na revista *Proceedings*. Nov. 1951, p. 689-96.

23. YOUNGSON, A. J. *Possibilities of economic progress*. Cambridge, The University Press, 1959. Evidências da história econômica de quatro regiões em apoio a esse argumento.

24. STIGLER, op. cit., p. 190.

25. SCHULTZ, op. cit., p. 147.

tos mostram que essas regiões (e outras dos U.S.A.) cresceram, fizeram desenvolver centros urbanos, economias externas, e manufaturas como consequência de um comércio exportador bem sucedido. Eu não discuto o argumento do professor Schultz com respeito às imperfeições do mercado de fatores e a importância do investimento em capital humano e, na verdade, acredito que se adaptem muito bem ao meu argumento da seção anterior desse artigo. **Eu argumentaria apenas que um comércio de exportação agrícola, bem sucedido, pode e realmente tem induzido a urbanização, os aperfeiçoamentos do mercado de fatores, e uma alocação mais eficiente dos recursos para investimento.**

Concluindo, gostaria de reafirmar a posição positiva de que os problemas relevantes do desenvolvimento econômico regional giram em torno das questões levantadas no corpo principal desse artigo. **Não se trata de uma questão de agricultura versus industrialização, mas sim, giram em torno da capacidade de uma região de se integrar nos grandes mercados mundiais, através das exportações e da resultante estrutura da economia regional, que influenciará sua capacidade para alcançar o crescimento sustentado e um padrão diversificado de atividade econômica.**